ISSN: 2358-8829

TABULEIRO DA DIVERSIDADE: CRIAÇÃO E APLICAÇÃO DE UM JOGO PEDAGÓGICO PARA O DIÁLOGO SOBRE DIVERSIDADE NA ESCOLA

Gislaine Monteiro Ferreira [1]

INTRODUÇÃO

A escola constitui um espaço de convivência, socialização e produção de conhecimentos, mas também pode reproduzir preconceitos, discriminações e formas de exclusão relacionadas às diferenças sociais, culturais, étnicas e de gênero. Essas manifestações nem sempre ocorrem por meio de agressões explícitas, podendo aparecer em brincadeiras, comentários sobre a aparência e atitudes naturalizadas no cotidiano. Nesse contexto, promover o diálogo sobre diversidade é uma dimensão importante do trabalho pedagógico, especialmente nos anos finais do Ensino Fundamental.

O enfrentamento dessas práticas exige estratégias educativas que possibilitem aos estudantes refletir sobre suas atitudes, reconhecer os efeitos da discriminação e construir alternativas para uma convivência respeitosa. A ludicidade, quando articulada a objetivos pedagógicos e à mediação docente, pode favorecer a participação e a discussão de situações relacionadas às experiências sociais dos estudantes.

Nessa perspectiva, este trabalho apresenta uma experiência com o jogo pedagógico *Tabuleiro da Diversidade*, desenvolvido no âmbito da disciplina Tópico Especial I: Metodologias Ativas e Jogos Pedagógicos na Cultura da Amazônia. A proposta articulou a formação docente e o uso de metodologias ativas à abordagem de questões relacionadas à diversidade, ao preconceito, ao bullying, ao racismo, ao gênero e ao respeito às diferenças.

A intervenção ocorreu em uma escola pública rural de Abaetetuba, Pará, com uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental composta por 20 estudantes. A atividade foi organizada em dois momentos: uma aula expositivo-dialogada sobre os temas abordados

[1] Pedagoga Social pela Secretaria de Assistência Social de Igarapé-Miri. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios, Identidades e Educação (PPGCITE/Campus de Abaetetuba/UFPA), E-mail: gislainemonteiro76@gmail.com; Bolsista da CAPES.

ISSN: 2358-8829

e a aplicação do jogo, com situações-problema que convidavam os participantes a expressar seus posicionamentos e refletir sobre possibilidades de ação diante de situações discriminatórias.

A proposta dialoga com a perspectiva decolonial de Walsh (2013), que contribui para questionar hierarquias e práticas de exclusão, com os estudos de gênero e sexualidade de Louro (2004) e Butler (2003) e com a concepção de educação como prática da liberdade de hooks (2013). Essas contribuições permitem compreender a escola como espaço de problematização de normas sociais e de construção de possibilidades de convivência democrática.

Diante disso, o objetivo geral deste trabalho é analisar o *Tabuleiro da Diversidade* como recurso pedagógico para promover o diálogo sobre diversidade e relações de poder no contexto escolar. Especificamente, busca-se examinar as reflexões mobilizadas pelas situações propostas, analisar as interações discursivas durante a intervenção e identificar possíveis deslocamentos nos posicionamentos expressos pelos participantes. A relevância do estudo consiste em discutir as possibilidades e os limites de um recurso ludopedagógico para abordar questões de diversidade e contribuir para a formação docente.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa e de caráter interventivo, uma vez que envolve a realização de uma prática pedagógica planejada e a análise de manifestações produzidas pelos estudantes durante sua aplicação. A abordagem qualitativa permite interpretar os sentidos expressos nos enunciados, considerando as condições sociais e interacionais em que são produzidos.

A experiência foi desenvolvida em uma escola pública rural de Abaetetuba, Pará, com uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental composta por 20 estudantes. O jogo foi elaborado durante a disciplina Tópico Especial I: Metodologias Ativas e Jogos Pedagógicos na Cultura da Amazônia, acompanhado de um protocolo didático com regras, objetivos e orientações para a mediação pedagógica.

A intervenção compreendeu dois momentos. Inicialmente, realizou-se uma aula expositivo-dialogada sobre diversidade, preconceito, bullying, racismo e gênero. Em

ISSN: 2358-8829

seguida, aplicou-se o *Tabuleiro da Diversidade*, organizado em torno de perguntas e situações-problema relacionadas à convivência escolar. Durante o jogo, a mediação procurou favorecer a participação, a argumentação e a reflexão sobre as respostas apresentadas.

A análise concentrou-se em três questões: "O silêncio diante do preconceito também pode causar danos? Por quê?"; "Em um grupo alguém faz uma piada preconceituosa e todos riem. O que pode ser feito?"; e "Diga algo que você aprendeu neste jogo". Foram consideradas as respostas dos estudantes e, no episódio em que houve alteração de posicionamento, a interação observada entre os participantes.

A interpretação adotou uma perspectiva discursiva, compreendendo a linguagem como prática social atravessada por valores e relações de poder. Fairclough (2001) contribui para examinar a relação entre discurso e práticas sociais, enquanto Pêcheux (1997) permite considerar a produção de sentidos em relação às posições de sujeito e às condições de enunciação. A análise buscou identificar manifestações de reflexão, responsabilização e possíveis deslocamentos discursivos, sem atribuir às falas isoladas o significado de transformações permanentes de comportamento.

Considerando a participação de menores de idade e a abordagem de temas sensíveis, os registros são apresentados sem identificação individual. A utilização acadêmica dos dados deve observar as autorizações e os procedimentos éticos aplicáveis à pesquisa e à divulgação dos registros.

REFERENCIAL TEÓRICO

Educação decolonial, diversidade e relações de poder

A educação decolonial oferece subsídios para questionar hierarquias que atravessam os processos educativos e influenciam o reconhecimento de conhecimentos, identidades e formas de existência. Walsh (2013) compreende as pedagogias decoloniais como práticas relacionadas à resistência, à existência e à reconstrução de modos de compreender o mundo. No contexto escolar, essa perspectiva permite problematizar padrões apresentados como universais e as desigualdades que contribuem para a invisibilização de determinadas experiências.

ISSN: 2358-8829

A abordagem da diversidade aproxima-se desse horizonte quando ultrapassa a transmissão de definições sobre respeito e tolerância e promove a reflexão crítica sobre práticas discriminatórias. Piadas, comentários e julgamentos aparentemente cotidianos precisam ser analisados considerando seus efeitos sobre as pessoas atingidas. Assim, o *Tabuleiro da Diversidade* pode ser compreendido como uma possibilidade de intervenção que coloca em discussão sentidos naturalizados, sem pressupor que uma atividade isolada seja capaz de superar estruturas de desigualdade.

Gênero, sexualidade e construção social das diferenças

Os estudos de gênero e sexualidade contribuem para compreender como normas sociais estabelecem expectativas sobre corpos, identidades e comportamentos. Louro (2004) problematiza a participação das instituições educativas na produção e reprodução dessas normas, enquanto Butler (2003) questiona concepções essencialistas de gênero e examina os processos pelos quais determinadas identidades e expressões são reconhecidas socialmente.

Na escola, essas discussões demandam linguagem adequada à faixa etária, acolhimento e intencionalidade pedagógica. Abordar a diversidade significa criar oportunidades para questionar padrões de classificação e comportamentos discriminatórios, sem constranger os estudantes por suas manifestações iniciais. Nessa direção, o jogo mobiliza questões relacionadas a gênero, sexualidade, cultura, etnia e convivência, aproximando a discussão conceitual de situações que exigem posicionamento e reflexão.

Diálogo, pedagogia crítica e jogos pedagógicos

Em *Ensinando a transgredir*, hooks (2013) compreende a educação como prática da liberdade, participação e construção coletiva do conhecimento. Essa perspectiva permite pensar a sala de aula como espaço de escuta, argumentação e revisão de interpretações. O diálogo não se limita à oportunidade de falar: envolve considerar outros

ISSN: 2358-8829

pontos de vista e refletir sobre as implicações éticas e sociais dos posicionamentos expressos.

Os jogos pedagógicos podem contribuir para esse processo quando articulam participação e objetivos de aprendizagem. Kishimoto (2011) oferece subsídios para compreender as relações entre jogo e educação, ressaltando a importância de considerar as características da atividade lúdica e sua finalidade educativa. No *Tabuleiro da Diversidade*, as perguntas e situações-problema foram articuladas a objetivos de reflexão sobre preconceito e convivência escolar.

O potencial formativo do recurso depende, portanto, da intencionalidade do planejamento e da mediação docente. O protocolo didático, ao organizar regras e orientações, integra esse processo. Mais do que garantir mudanças de comportamento, o jogo cria condições para que os estudantes expressem suas compreensões, confrontem possibilidades de ação e examinem criticamente os sentidos atribuídos às diferenças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O silêncio diante do preconceito e o reconhecimento dos seus efeitos

Uma das questões propostas pelo *Tabuleiro da Diversidade* foi: “O silêncio diante do preconceito também pode causar danos? Por quê?”. A pergunta buscou mobilizar a compreensão dos estudantes sobre as consequências das práticas discriminatórias e sobre a responsabilidade das pessoas que presenciam essas situações.

Em resposta à questão, um estudante afirmou: “Eu acho que a pessoa que sofre pode chorar e até se matar por causa disso”.

A fala evidencia que o participante reconheceu a possibilidade de consequências emocionais graves para quem sofre preconceito. Ao mencionar o choro e a possibilidade de morte, o estudante associou a discriminação a efeitos que ultrapassam o momento em que a agressão ocorre. Sua resposta permite observar que a questão mobilizou uma reflexão sobre o sofrimento da pessoa atingida, tornando visível a dimensão humana e emocional da violência discriminatória.

Esse enunciado é relevante porque desloca a discussão de uma compreensão do preconceito como simples brincadeira ou desentendimento para o reconhecimento de

seus possíveis impactos. A fala também reforça a importância de abordar o silêncio dos observadores, pois a ausência de manifestação diante de uma situação discriminatória pode ser interpretada como falta de apoio à pessoa atingida ou como tolerância à continuidade da agressão.

Entretanto, é necessário evitar a interpretação de que a resposta, isoladamente, demonstra uma compreensão completa dos mecanismos de violência ou das formas adequadas de intervenção. O que os dados permitem afirmar é que, naquela situação, o estudante reconheceu a possibilidade de sofrimento significativo decorrente do preconceito.

Sob a perspectiva da linguagem como prática social, conforme Fairclough (2001), a resposta pode ser examinada como um enunciado que relaciona uma prática social — o preconceito — a consequências para o sujeito que a vivencia. A atividade favoreceu, assim, a explicitação de um sentido importante para a discussão pedagógica: a discriminação não deve ser avaliada apenas pela intenção de quem a pratica, mas também pelos efeitos que pode produzir.

A questão proposta pelo jogo também abre espaço para discutir a responsabilidade coletiva. Quando uma situação de preconceito é presenciada por outras pessoas, a reflexão pedagógica pode contemplar alternativas de intervenção seguras, como apoiar a pessoa atingida, não reforçar a piada, procurar um adulto de confiança ou comunicar a situação à equipe escolar. Essas possibilidades devem ser trabalhadas de acordo com o contexto e com a segurança dos envolvidos.

Dessa maneira, a experiência demonstra o potencial de perguntas problematizadoras para ampliar a discussão sobre os efeitos do preconceito. Mais do que solicitar uma definição, a questão convidou o estudante a refletir sobre o sofrimento do outro e sobre a necessidade de considerar as consequências das ações e omissões no espaço escolar.

Entre a cumplicidade e a responsabilização: um episódio de deslocamento discursivo

Outro momento significativo ocorreu durante a discussão da seguinte situação: “Em um grupo alguém faz uma piada preconceituosa e todos riem. O que pode ser feito?”.

Inicialmente, um estudante respondeu: “Professora, eu acho que eu ia rir junto”.

ISSN: 2358-8829

A resposta expressa a possibilidade de acompanhar a reação do grupo diante de uma piada preconceituosa. Embora não seja possível concluir, a partir desse enunciado, que o participante necessariamente agiria dessa forma em uma situação real, sua manifestação permite discutir a influência das relações coletivas sobre os posicionamentos individuais.

A resposta inicial indica uma possibilidade de adesão à reação predominante no grupo, sem explicitar uma avaliação crítica da piada ou de seus efeitos sobre a pessoa atingida. Esse posicionamento torna-se relevante para a análise porque evidencia como o riso coletivo pode ser considerado uma resposta socialmente disponível, mesmo quando a situação envolve discriminação.

Após observar as reações dos colegas, que demonstraram preocupação e avaliaram negativamente a atitude, o estudante apresentou outra resposta: “Eu iria ajudar a pessoa e ia contar pra diretora, ela sempre resolve tudo”.

A segunda manifestação apresenta uma orientação diferente. Em vez de acompanhar o riso coletivo, o estudante passou a mencionar ações de apoio à pessoa atingida e de comunicação da situação à direção escolar. A referência à diretora também indica que, em sua compreensão, a escola dispõe de uma figura institucional a quem recorrer diante de um problema dessa natureza.

A diferença entre as duas respostas constitui um episódio relevante para a análise discursiva. Na primeira, o estudante considerou a possibilidade de acompanhar a reação do grupo; na segunda, verbalizou uma posição associada ao cuidado, à intervenção e à busca de apoio institucional. Essa diferença permite identificar um possível deslocamento no posicionamento expresso durante a atividade.

A contribuição de Pêcheux (1997) para os estudos do discurso permite considerar que os sentidos produzidos pelos sujeitos não estão isolados das condições sociais em que são enunciados. As respostas dos estudantes são produzidas em uma situação de interação, na qual as manifestações dos colegas participam da construção do contexto discursivo. Assim, a mudança observada pode ser interpretada como indício de que o posicionamento verbalizado pelo participante foi influenciado pelo ambiente coletivo e pelas reações que acompanhou.

É importante, contudo, delimitar o alcance dessa interpretação. Não é possível afirmar que ocorreu uma transformação definitiva da consciência do estudante ou que ele necessariamente agiria de maneira diferente fora da atividade. O que se observa é uma

alteração entre duas respostas produzidas no mesmo contexto pedagógico. Esse dado permite discutir a possibilidade de revisão de posicionamentos quando os sujeitos entram em contato com outras perspectivas e percebem a dimensão ética de determinada situação.

O episódio também evidencia a importância da mediação docente. O objetivo de uma prática pedagógica sobre diversidade não deve ser expor ou constranger quem apresenta uma resposta inicial inadequada, mas possibilitar a problematização dos sentidos envolvidos e a construção de alternativas de ação. A revisão de uma resposta pode constituir uma oportunidade de aprendizagem quando ocorre em um ambiente no qual a participação é acompanhada de reflexão e respeito.

A segunda resposta do estudante ainda permite destacar a importância de reconhecer a escola como espaço de proteção e responsabilização. Ao indicar que ajudaria a pessoa e procuraria a diretora, o participante apresentou uma alternativa que ultrapassa a simples reprovação verbal da piada. Sua fala aponta para duas ações distintas: oferecer apoio à pessoa atingida e recorrer a uma instância institucional.

Esse aspecto pode ser explorado pedagogicamente, discutindo-se com a turma que enfrentar o preconceito não significa necessariamente responder de forma agressiva ao autor da discriminação. Dependendo da situação, é possível apoiar quem sofreu a violência, interromper a participação na brincadeira, manifestar discordância de forma segura e buscar auxílio de profissionais responsáveis.

Portanto, o episódio constitui um dos achados mais expressivos da experiência, pois permite observar como o jogo favoreceu uma situação de confronto entre diferentes possibilidades de resposta. A passagem de uma manifestação inicialmente orientada pelo riso coletivo para outra centrada no apoio à pessoa atingida e na busca de ajuda institucional evidencia o potencial do diálogo pedagógico para tornar os posicionamentos objeto de reflexão.

Aprendizagens declaradas e reconhecimento das diferenças

Uma terceira questão apresentada pelo jogo foi: “Diga algo que você aprendeu neste jogo”. Em resposta, um estudante afirmou: “Eu aprendi que nós devemos respeitar os outros e não julgar pela aparência”.

ISSN: 2358-8829

A resposta sintetiza dois princípios relacionados à convivência respeitosa: o reconhecimento da necessidade de respeitar outras pessoas e a crítica ao julgamento baseado na aparência. Embora breve, o enunciado permite observar que o estudante relacionou a atividade a uma aprendizagem de natureza ética, expressando uma compreensão sobre a importância de rever avaliações construídas a partir de características externas.

O respeito às diferenças é um dos temas centrais da proposta pedagógica. No cotidiano escolar, julgamentos relacionados à aparência podem participar de processos de exclusão, constrangimento e discriminação. Ao afirmar que não se deve julgar as pessoas dessa maneira, o estudante expressou um posicionamento contrário a esse tipo de prática.

Essa manifestação dialoga com as discussões sobre gênero, sexualidade, cultura e etnia, uma vez que o reconhecimento das diferenças exige questionar padrões utilizados para classificar pessoas e estabelecer hierarquias entre elas. As contribuições de Louro (2004) e Butler (2003) ajudam a compreender a importância de problematizar normas sociais que definem quais corpos, identidades e comportamentos são valorizados ou desqualificados.

A fala também pode ser aproximada da perspectiva de educação crítica apresentada por hooks (2013), na medida em que a aprendizagem é compreendida como possibilidade de rever interpretações e construir formas mais conscientes de convivência. Nesse sentido, o jogo criou uma oportunidade para que o estudante formulasse, com suas próprias palavras, uma síntese do que considerou significativo na experiência.

É necessário, entretanto, distinguir a aprendizagem declarada de uma mudança efetiva e duradoura de comportamento. A resposta permite afirmar que o participante identificou o respeito e a rejeição ao julgamento pela aparência como aprendizados associados à atividade. Não permite, por si só, concluir que esses princípios passaram a orientar permanentemente suas ações ou as relações estabelecidas na turma.

Essa distinção é importante para preservar o rigor da análise. Em uma intervenção pedagógica pontual, as respostas dos estudantes oferecem indícios de compreensão e reflexão, mas a verificação de mudanças duradouras exigiria acompanhamento posterior e outras formas de produção de dados. Ainda assim, a verbalização de aprendizagens constitui um resultado relevante, pois permite conhecer os sentidos que os participantes atribuíram à experiência.

ISSN: 2358-8829

A resposta analisada também reforça a importância de utilizar recursos pedagógicos que permitam aos estudantes expressar suas compreensões de maneira acessível. Em vez de exigir exclusivamente definições conceituais, o jogo abriu espaço para uma formulação direta, vinculada à convivência cotidiana. Essa característica pode contribuir para aproximar as discussões sobre diversidade das experiências dos participantes.

Contribuições para a mediação pedagógica e a formação docente

Consideradas em conjunto, as três situações analisadas evidenciam diferentes dimensões da experiência: o reconhecimento dos possíveis efeitos do preconceito, a alteração entre dois posicionamentos expressos diante de uma piada discriminatória e a declaração de aprendizagem relacionada ao respeito às diferenças.

Esses resultados indicam que o *Tabuleiro da Diversidade* possibilitou situações de participação e reflexão sobre comportamentos cotidianos. As perguntas mobilizaram posicionamentos que puderam ser examinados à luz das relações sociais e de suas implicações éticas. A atividade também evidenciou que os enunciados não devem ser interpretados isoladamente, pois as interações entre os participantes compõem as condições em que os sentidos são produzidos.

A experiência oferece contribuições para a formação docente, especialmente no que se refere à elaboração de materiais que abordem questões sensíveis. Planejar atividades sobre diversidade exige atenção à linguagem das perguntas, às possibilidades de interpretação e às formas de acolher manifestações discriminatórias ou de sofrimento. O protocolo didático contribui para articular o recurso aos objetivos pedagógicos e orientar a mediação.

Sob a perspectiva decolonial, a proposta favorece a problematização de práticas naturalizadas e cria oportunidades para examinar discursos excludentes. Contudo, os dados não permitem afirmar que o jogo eliminou preconceitos ou transformou permanentemente as relações da turma. Sustentam, de forma mais delimitada, que a intervenção possibilitou manifestações de reflexão e um episódio de alteração no posicionamento verbalizado por um participante.

ISSN: 2358-8829

Assim, o potencial educativo do recurso depende de sua integração a um trabalho contínuo de diálogo, inclusão e enfrentamento das discriminações, articulado à responsabilidade institucional pela construção de um ambiente escolar respeitoso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou o *Tabuleiro da Diversidade* como recurso pedagógico para promover o diálogo sobre diversidade e relações de poder no contexto escolar. Desenvolvida com 20 estudantes do 7º ano de uma escola pública rural de Abaetetuba, Pará, a experiência articulou uma aula expositivo-dialogada à aplicação de um jogo baseado em situações relacionadas ao preconceito e à convivência.

A análise das três respostas selecionadas evidenciou manifestações de reflexão sobre os efeitos da discriminação, a responsabilidade diante de situações preconceituosas e o respeito às diferenças. Destacou-se o episódio em que um estudante passou de uma resposta inicialmente associada ao riso coletivo para outra que mencionava o apoio à pessoa atingida e a procura pela direção escolar. Essa diferença constitui um possível deslocamento discursivo, sem comprovar uma transformação permanente de comportamento.

A experiência também reforça a importância da mediação docente e do planejamento intencional. O caráter educativo do jogo depende não apenas das regras e perguntas, mas da maneira como as manifestações são acolhidas e problematizadas. Nesse sentido, a elaboração do protocolo didático representa uma contribuição para a organização de práticas pedagógicas voltadas à diversidade e à formação crítica.

Entre os limites do estudo, destaca-se a análise de respostas produzidas durante uma intervenção específica, insuficientes para demonstrar mudanças duradouras nas atitudes dos participantes. Pesquisas futuras poderão ampliar essa compreensão por meio de novas aplicações e acompanhamento das interações ao longo do tempo.

Conclui-se que o *Tabuleiro da Diversidade* apresenta potencial como recurso de mediação pedagógica para estimular o diálogo sobre preconceito, diferenças e responsabilidade coletiva. Sua contribuição está em criar oportunidades para questionar práticas naturalizadas e construir possibilidades de convivência respeitosa, desde que

integrado a um trabalho educativo contínuo e comprometido com uma educação democrática e inclusiva.

Palavras-chave: Diversidade, Gênero, Sexualidade, Inclusão, Jogo pedagógico.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2001.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

WALSH, Catherine. Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Quito: Abya-Yala, 2013.